



## GRUPO DE TRABALHO 2 - LAZER E TURISMO

### **O CEMITÉRIO PÚBLICO NOSSA SENHORA APARECIDA – MANAUS/AM, A PANDEMIA DA COVID-19 E O NOVO POTENCIAL TURÍSTICO.**

AUTOR: ROMULO DE OLIVEIRA COSTA

#### **Introdução**

A Geografia, enquanto ciência, ainda carece de estudos sobre cemitérios, sobretudo, o viés dos espaços da morte no subcampo da geografia cultural. Já em 1955, William Pattison, geógrafo americano, foi um dos pioneiros nos estudos sobre cemitérios com cunho geográfico. Sua análise sobre os cemitérios de Chicago muito contribuiu para o enfoque acerca das formas simbólicas espaciais que compunham os campos dos mortos. Mesmo não adentrando na temática cultural, Pattison (1955) aponta que os estudos sobre cemitérios na geografia devem estar associados a três principais motivos: uso da terra, distribuição dos cemitérios no espaço e a necessidade de espaço para os mortos.

Alterando a perspectiva escalar, porém trazendo ao contexto da América do Sul, onde se encontra localizado espacialmente o cemitério público Nossa Senhora Aparecida, na capital do estado do Amazonas, concebido como recorte espacial deste artigo, a justificativa do tema – sob o viés da sua escolha – reside no fato da contribuição para o incremento analítico das transformações na dinâmica da paisagem local e a vida dos sujeitos componentes das mesmas, utilizando-se de suas formas simbólicas espaciais, relacionando-as aos imensos túmulos, tidos como covas rasas, abertos para dar conta do grande número de enterros concomitantes das vítimas fatais da Covid-19, bem como uma nova potencialidade turística de base local.

## **Formas simbólicas, COVID-19 e novas potencialidades para o turismo**

Neste contexto de consumo desenfreado do espaço pela expansão e criação de novas formas simbólicas, torna-se salutar a discussão e relação destas com a identidade do grupo social a que se destinam. Temos no Brasil, a autora Luchiari (2005) que irá categorizar esta expansão monumental no espaço como um processo de espetacularização.

Segundo Luchiari (2005), o espaço torna-se cada vez mais espetacularizado, devido à criação exagerada de objetos artificiais ou ficcionais, sobretudo nos espaços voltados ao consumo turístico. Para tanto, configura-se aí no que Choey (1992) afirmara ser a perda da figura memorial das formas simbólicas no mundo contemporâneo, posto que para esta autora, os monumentos, além da figura memorial, possuem uma dotação histórica e historial, constituindo a base de análise monumental.

Sobremaneira, Luchiari aponta “Assim, as modernas técnicas de reprodução retirariam a aura dos objetos de arte e dos monumentos, e os objetos auráticos seriam apenas aqueles possuidores de originalidade, singularidade e permanência” (LUCHIARI, 2005, p.98). Traz-se ao debate à questão da aura da forma simbólica, tornando cada vez mais árdua a sua justificativa de existência espacial, posto a padronização das construções materiais atuais, no que tange aos monumentos, patrimônios e afins.

Reafirmando a tese de Choey (1992) e os sistemas de representação de Hall (1997) e Bourdieu (1989), Luchiari afirma “Ao contrário do que se imagina o capitalismo não destruiu os sistemas cognitivos que elegem mitos e símbolos para a interpretação do mundo. Ele acolheu esta construção social e associou à ela uma nova e vigorosa racionalidade econômica”. (LUCHIARI, 2005, p.96). Complementando com a noção de ligação ao passado e da importância no contexto de criação e existência das formas simbólicas, tal autora aponta “A condução à memória de um passado - vivo ou desvinculado das novas práticas culturais -, assim como a impressão de um novo valor cultural às formas pretéritas, ainda são a aura que envolve o patrimônio”. (LUCHIARI, 2005, p.98).

Conjuga-se, assim, esta noção associativa entre monumentos e formas simbólicas, pois Corrêa aponta

Neste trabalho, os monumentos são entendidos como formas simbólicas grandiosas, por exemplo, estátuas, obeliscos, colunas e templos. Representações materiais de eventos passados integram o meio ambiente construído, compondo, de modo

marcante, a paisagem de determinados espaços públicos da cidade. (CORRÊA, 2008, p.9).

Acerca desta relação, para o trabalho aqui posto, o cemitério manauara emerge com suas formas simbólicas, visto não possuir um caráter meramente estético, mas sim dotado de sentido político, ambiental e histórico. A forma simbólica, por assim dizer, expressa na construção de mundo de um grupo social seus anseios mais íntimos no que tange às suas relações políticas, culturais, artísticas e econômicas.

Os cemitérios podem assim ser apreendidos como formas simbólicas espaciais dotadas de símbolos, rituais, celebrações e construções que lhe são comuns nos enterros de entes queridos e demais práticas, salvo as devidas diferenças de matrizes culturais. Segundo Kong,

Precisamente, as paisagens da morte – cemitérios, chão dos mortos e crematórios – são paisagens investidas com os mais fundamentais e possíveis sentimentos e valores sagrados humanos, eles se tornam de grande importância quando se aborda o ‘pulsar’ nacional e no exame da constituição de uma identidade nacional (KONG, 2003, p.51).

Os cemitérios representam formas simbólicas espaciais onde os ritos e rituais se põem como uma importante prática simbólica. Especificamente, são tais atos provenientes de grupos humanos distintos que conferem aos cemitérios uma dotação simbólica e de significados. Para tanto, (Mayo, 1988, p.71) aponta “Rituais transformam a paisagem e a memória associada a este, ainda que brevemente”.

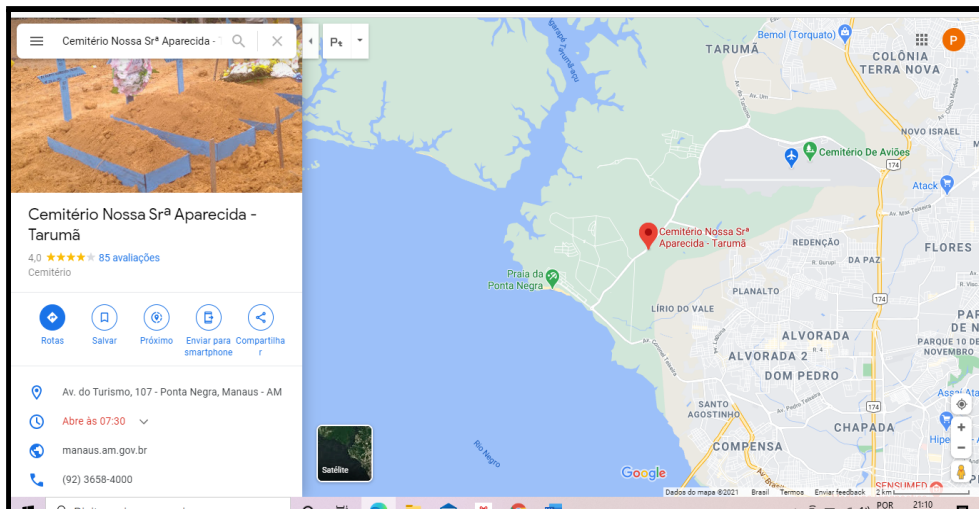
A seguir, na continuidade do resumo aqui posto e a partir de informações extraídas de um rol de entrevistas e reportagens jornalísticas, o cemitério Nossa Senhora Aparecida, às margens do rio Negro, um dos leitos fluviais mais imponentes do país, analisaremos os contextos dos ritos e rituais, bem como da expansão deste campo da morte com a alteração e readequação de sua estrutura espacial, no que concerne às suas formas simbólicas espaciais para a potencialidade turística de base local.

Antes de mais nada, faz-se necessária a localização geográfica e aceção histórica no que tange à construção e inauguração do cemitério Nossa Senhora Aparecida. Neste sentido, o campo da morte, aqui analisado, configura-se como o de maior extensão da capital estadual amazonense, a cidade de Manaus e, conseqüentemente, de toda a unidade da federação.

O cemitério é responsável por aproximadamente 75% dos enterros do Amazonas, segundo dados da prefeitura municipal. Sua localização é estratégica, às margens do rio

Negro, o que permite a expansão de sua área interna com maior facilidade em direção ao leito fluvial e, também, por sua natureza pública, a maior parte das classes sociais de menor poder aquisitivo enterram seus entes queridos neste espaço da morte.

Observando a imagem 1 extraída do Google Maps abaixo, acessada em março de 2021 pode-se confirmar as afirmações aqui postas.



Com mais de 3 mil enterros em janeiro, Manaus teve o seu mês mais fúnebre, sobretudo, no cemitério Nossa Senhora Aparecida, construído a mais de seis décadas. Os trágicos registros da segunda onda da pandemia e do colapso na saúde aceleram de forma vertiginosa a expansão do maior cemitério da capital amazônica. As obras de ampliação não param no cemitério de Nossa Senhora Aparecida. Sob sol forte, os trabalhadores abrem novas covas e começam a levantar estruturas verticais, que acomodarão de 2 mil a 3 mil corpos, conforme relato jornalístico do site Uol e informações do consórcio de imprensa encabeçado pela Tv Globo.

Podemos identificar neste caso que o cemitério fora achapado pela difusão espacial da Covid-19, pois segundo (Corrêa, 2018, p.28) “A difusão espacial constitui um processo no qual pessoas, mercadorias, ideias, capital, doenças e muito mais espraiam-se no espaço, envolvendo um lapso de tempo.” Ou seja, entre o primeiro caso confirmado de infecção da Covid-19 no país, em março, na cidade São Paulo, o espraio espacial direcionado até o colapso da saúde, em Manaus e, as sensíveis transformações do espaço da morte aqui destrinchado, o lapso temporal fora de menos de um ano.

Posto isto, “Há quatro tipos básicos de difusão no que diz respeito à espacialidade: difusão por relocação, por saltos, por contágio ou por via hierárquica.” (Gould apud Corrêa, 2018, p. 25). Pensa-se a pandemia da COVID-19 por difusão por saltos que envolve uma grande separação entre a área de emissão e área de recepção da inovação, estabelecendo-se

uma descontinuidade espacial na ocorrência daquele item, objeto da difusão. Difere-se da difusão por relocação pelo fato da área emissora não se esvaziar daquele item.

Tendo a imagem 2 abaixo como referência, pode-se perceber as alterações sensíveis no cemitério Nossa Senhora Aparecida com a expansão das covas rasas para dar conta do elevado número de sepultamentos, cada vez mais crescentes nesta necrópole. Relega-se ao segundo plano a estrutura cemiterial com seus jazigos-perpétuos e retoma-se a ideia inicial de Pattison (1955), trazido aqui no resumo, onde o campo da morte amazonense foca em seu uso principal e imediato no momento pandêmico: o enterro. Neste caso em específico, os enterros em massa.

**Imagem 2 – a expansão das covas rasas no cemitério Nossa Senhora Aparecida – Manaus/AM**



Fonte: uol.com.br. Acessado em março de 2021.

Estas transformações transmutadas em formas simbólicas que demarcam uma nova configuração espacial potencializam a possibilidade do consumo turístico de base local, sobretudo, marcado pelo exótico, pelo diferente e pela curiosidade do turista sob o olhar apurado com a expansão desta necrópole amazonense. Neste sentido, o turismo vem tornando-se uma maneira de geração de divisas, recolocação profissional e possibilidade de recriação social para os manauaras neste crítico momento de crise econômica em que se encontra o país.

*Palavras-chave: turismo; cemitérios; Manaus; Amazônia; formas simbólicas.*